

CORPO E ESPAÇO COMO CATEGORIAS PARA SE CONHECER UMA CIDADE: UM ESTUDO SOBRE DIVERSIDADE CULTURAL, FORMAS DE SOCIABILIDADE E IDENTIDADES NO 3º FSM EM PORTO ALEGRE/RS.¹²

Olavo Ramalho **Marques**

Abordagem fenomenológica da percepção: entre espaço vital e corpo vivido

“O mundo é grande, mas em nós, Ele é profundo como o mar.”

“O espaço, fora de nós, ganha e traduz as coisas: Se quiseres conquistar a existência de uma árvore, Reveste-a de espaço interno, esse espaço Que tem seu ser em ti.[...]”

Os versos de Rilke, citados por Bachelard em sua obra intitulada “A poética do espaço” (2000: 189;200), nos mostram, nos termos de uma abordagem fenomenológica, que o espaço, enquanto mera exterioridade, não possui sentido. O espaço que tem significado para nós é aquele revestido de uma carga simbólica adquirida através da experiência. Creio que Rilke nos traz uma imagem de mundo que, se não é “grande” em termos da extensão de nosso conhecimento sobre ele, é profundo como o mar no que diz respeito à dimensão afetiva que carregamos dele - dimensão esta construída a partir das vivências que experimentamos no decorrer de nossas vidas. A imagem que carregamos dos ambientes nos quais vivemos está fortemente embebida de recordações e significados, já que *“o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em*

¹ Agradeço ao CNPq, pela concessão de uma bolsa através do programa PIBIC/CNPq, graças à qual pude desenvolver esta pesquisa junto ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais/PPGAS/UFRGS.

² Agradeço aos professores Ceres Victora e Veriano Terto Jr., pela bibliografia indicada e pelos ótimos diálogos nos Seminários sobre Antropologia do Corpo e da Saúde, na graduação em Ciências Sociais da UFRGS, aspecto fundamental na realização deste trabalho.

sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação” (BACHELARD, 1993: 19).

E é através do corpo que experimentamos todas as nossas vivências. Ele constitui-se enquanto elo fundamental que liga homem e mundo; é unidade a partir da qual o homem é e está no mundo. É isso o que preconiza a abordagem fenomenológica a respeito do corpo, que o sustenta enquanto medida de tudo para o homem. Esta abordagem tem em Merleau-Ponty o seu principal pensador. O autor realiza uma crítica contundente à divisão cartesiana da realidade em *res cogitans* e *res extensa*, em outras palavras, em fenômenos físicos e em fenômenos mentais. Sonia Maria Maciel traz a luz e esta discussão (1977), alegando que Merleau-Ponty esforça-se por superar o famoso dualismo cartesiano, que separa e opõe corpo e mente ou corpo e alma, estabelecendo o corpo enquanto categoria transcendental que fundamenta todo o nosso conhecimento. O corpo consiste em nossa abertura primeira para o mundo.

Além de situar corpo e mente como realidades independentes, Descartes afirmou que o conhecimento deve basear-se sobretudo no intelecto, partindo das “idéias claras e distintas”, alegando que o mundo conhecido pelo corpo é enganoso como os sentidos. Merleau-Ponty vem dizer que o corpo não se opõe ao espírito, e sim é elemento a partir do qual o homem percebe a realidade. Não existe, desse modo, objetividade pura; o homem sempre vê o “concreto” a partir de um ponto de vista, construído através das vivências que anteriormente experimentou. É assim que Rabelo e Alves (2001: 3) afirmam que “o mundo nunca nos é exterior”. É extremamente importante salientar que o corpo carrega noções e concepções determinadas pelo hábito e pela cultura. O corpo é aqui tratado como um corpo vivido, assim como o espaço também é visto como um espaço vivido. Desse modo, também o corpo é construído em um determinado contexto, no qual o homem vive de acordo com certos padrões, normas e valores.

É desse modo que o conhecimento é pré-objetivo, mas não é pré-cultural, pois depende de certas pré-disposições e significados advindos da cultura. Ainda de acordo com Rabelo e Alves, estamos, através da vivência, familiarizados com certas estruturas que orientam nossa experiência e nosso conhecimento, uma vez que “acolhemos possibilidades que herdamos da cultura” (2001: 4). É através dessa familiaridade que podemos reconhecer ou estranhar as coisas com as quais nos deparamos. Esta perspectiva à qual estamos nos referindo denomina-se o paradigma do *embodiment*; afirma que há, nos modos de agir, ser e pensar situações, traços culturais que se situam no plano das ações não refletidas, não intencionais. Existem, nos modos de nos

portarmos, elementos advindos do contexto social em que vivemos. A cultura nos fornece certas gamas de ação, reação e colocação no mundo; ela nos orienta sobretudo por possibilidades. É assim que não existe um corpo que não esteja ligado a uma certa tradição. O conceito de *habitus*, fornecido por Bourdieu - mas também trazido por Rabelo e Alves (idem) -, consiste numa razão prática, um saber fazer advindo justamente do contexto social; a cultura, desta maneira, está representada no corpo, está incorporada, inculcada, ela é o corpo, a maneira através da qual os homens se apropriam do próprio corpo e pensam a partir dele.

A cidade moderna a partir de sua diversidade cultural: quantas cidades cabem numa mesma cidade?

Feitas as considerações iniciais, cabe colocar agora o desafio que constitui essência deste trabalho: pensar uma grande cidade moderna a partir da ótica das inúmeras formações culturais que comporta. Dissemos que o espaço deve ser visto enquanto espaço vivido, e vivido através de um corpo. Corpo e espaço aparecem aqui como categorias do entendimento, no sentido proposto por Durkheim (1989), enquanto “ossatura da inteligência”. Dissemos também que este corpo que vive o espaço é marcado por uma - ou mais - cultura ou tradição. Assim sendo, como pensar um espaço difuso, heterogêneo e fragmentado de uma metrópole como Porto Alegre a partir da cultura dos seus habitantes? Como analisar o espaço da cidade partindo do pressuposto que ela consiste num amálgama de tradições, práticas e conformações culturais, onde os habitantes encontram-se dispostos em um emaranhado de redes de relações que se sobrepõem, se cruzam e interpenetram? Creio ser necessário, em primeiro lugar, traçar um breve panorama bastante geral e impessoal que nos permite compreender um pouco a respeito do estatuto das metrópoles enquanto organização espacial em nosso meio social.

De um modo genérico, é necessário salientar que as cidades são o eixo fundamental da vida “moderna”. As metrópoles, que aglomeram milhares de vidas, são, por si só, poderosos símbolos de nossa sociedade complexa (LINCH, 1974). A sociedade ocidental contemporânea, marcada a fundo pelo advento da revolução industrial, apresenta como característica essencial a vida urbana. É consenso, e esta é uma colocação essencial, que estamos vivendo um alargamento gigantesco na produção e no consumo, bem como uma explosão tecnológica nos transportes e na comunicação.

Os avanços tecnológicos, sabemos, modificam profundamente a natureza das próprias experiências, já que agem transformando significativamente a organização social, cultural, espacial e estética das cidades. Outro fator essencial a ser mencionado é o individualismo como premissa que, de uma forma bastante marcante, delineia os nossos modos pensar o homem, a pessoa e o corpo. Duarte (1986) propõe que diferentes sociedades valorizam de diversas maneiras o corpo individual, seja enquanto totalidade em si ou enquanto segmento de um todo. Ou seja, há diferentes formas de equilíbrio entre individualismo e holismo; o indivíduo enquanto valor, questão moral, é típico de nossas sociedades ocidentais contemporâneas, e situa-se, de acordo com o autor, no plano da ideologia. Como dito, vivemos numa sociedade complexa, marcada sobretudo pela heterogeneidade. Não podemos falar, portanto, em uma cultura ocidental contemporânea, mas sim em culturas ocidentais contemporâneas que ocupam um mesmo lugar como, por exemplo, o espaço social de uma metrópole. O individualismo, ainda que muito presente, não extingue o holismo em nosso contexto atual; ao contrário, ambos permanecem extremamente presentes e são combinados nas mais variadas proporções nas diversas comunidades que convivem em meio a uma mesma sociedade ou mesmo em meio a uma grande cidade.

Os autores da Escola de Chicago (VELHO [org.], 1973) enfatizam a fluidez, a heterogeneidade, a personalidade desenraizada e a fragilidade das construções simbólicas e das identidades individuais nas cidades. *Se o contexto urbano se projeta, aqui, nas formas de comunicação que nele são produzidas, a partir de uma “tradição”, “vista não mais como aquele complexo unitário, mas sim como uma polifonia de subjetividades diversas”, a cidade que antes parecia homogeneizar corpos se desvenda [...] como espaço onde coexistem, por excelência, diferentes estilos de vida, visões de mundo e ethos ...* (ECKERT e ROCHA, 2001: 3). Gilberto Velho (1999), afirma que a nossa sociedade é uma sociedade complexa marcada por uma profunda divisão social do trabalho e pela existência de uma multiplicidade de tradições marcadas por diversas bases, tais quais ocupacionais, religiosas, étnicas e etc.

Chega-se à conclusão, portanto, de que não existe uma cultura, um índice de comportamento ou um *ethos* urbano. Ora, se não existe um só *ethos* e uma única cultura urbana, também não existe apenas um *habitus*, mas sim uma vasta gama de concepções, construções e usos dos corpos, dado que a cidade moderna é caracterizada justamente pela diversidade que comporta. Nesse tom, o poeta Paulo Leminski se pergunta “quantas

Curitibas cabem numa só Curitiba?”, e eu refaço esta pergunta questionando quantas Porto Alegres cabem numa mesma Porto Alegre? Creio que inúmeras, uma vez que existem incontáveis perspectivas através das quais se conhece e se vive uma mesma cidade. Um mesmo espaço restrito – como uma rua, uma praça, uma casa, um shopping -, pode ser interpretado de inúmeras maneiras por diferentes atores sociais, de acordo com as vivências que estes experimentam em tais espaços, carregando os mais variados conteúdos simbólicos.

É isso o que explica o fato de um simples muro no bairro Teresópolis, por exemplo, carregar uma carga afetiva imensa para um grupo de jovens “skatistas”, por conter um nome pichado por um garoto que morreu assassinado alguns anos atrás. Do mesmo modo, uma senhora, moradora deste mesmo bairro há quase sessenta anos, diz que o fato de mais da metade de sua casa ter sido demolida para a construção de uma grande avenida fez com que ela se sentisse como se uma patrula houvesse passado por cima de seu próprio corpo. Trago estes casos apenas a título de ilustração, uma vez que os exemplos seriam incontáveis. O que importa é que os habitantes da cidade - ou mesmo aqueles que a conhecem apenas vagamente, vivendo-a durante pouco tempo -, através das suas experiências cotidianas, ligam-se afetivamente a determinados lugares de seu espaço tomado como um todo, possuindo laços de pertencimento a eles; desse modo, desenvolvem um conhecimento próprio e *sui-generis* desta cidade. Uma cidade pode ser vista “de cima”, a partir de um olhar supostamente isento que enfoca sua porção material e sua forma, por exemplo. Mas mesmo este olhar consiste num ponto-de-vista; a cidade é sempre conhecida através de determinados ângulos e recortes. Através das experiências vividas o espaço se inscreve no corpo e na memória de quem as viveu. Paulo Leminski, novamente, escreve sobre a cidade, em seu poema Curitiba (1991):

Conheço esta cidade
Como a palma da minha pica, Sei
onde o palácio
Sei onde a fonte fica,

Só não sei da saudade
A fina flor que fabrica.
Ser eu sei. Quem sabe,
Esta cidade me significa.

Nos apoiamos na perspectiva de Bachelard (1989) para olhar o espaço enquanto um espaço vivido, percebido pela imaginação criadora do homem, que “constrói e reconstrói a matéria de forma ininterrupta, não-linear...” (ECKERT e ROCHA, 2000). Para as autoras citadas acima, vida e matéria dialogam sem cessar, o que nos leva a refutar Zaera Pólo (1994) e sua noção de *filum*, já que o arquiteto pretende observar a cidade a partir da evolução de sua cultura material. Acreditamos que a cidade é formada por sua materialidade, em outras palavras, por seus elementos concretos como prédios, casas, fábricas, ruas, vias, viadutos, e toda a sorte de construtos que você puder se recordar. Não se faz, entretanto, sem pessoas que a habitem, vivendo e usufruindo de seu espaço; desta maneira, ela é constituída por sua materialidade, mas também pelas vidas de seus moradores e todo o universo de afetividades, relações simbólicas e trocas envolvidas no próprio existir das pessoas.

*“As cidades não são objetos idealizáveis abstratamente e nunca se comportam de acordo com as fantasias de quem as trata desta forma. São concretizações de modelos culturais, materializam momentos históricos e se desempenham como podem, tendo de comportar conflitos e conjugações que se armam e desarmam sem parar e em muitos níveis”.*³

Não podemos olhar a cidade somente a partir de sua porção material, sem tentar compreender as formas através das quais os homens vivem, organizam e se apropriam da materialidade da cidade. É desse modo que Eckert e Rocha (2001) pensam as representações mentais que os habitantes produzem sobre a cidade enquanto *locus* construtor de “regiões morais” e “províncias de significado” (conceitos trazidos de PARK, 1973 e SCHUTZ, 1972) e através dos quais as pessoas se deslocam. Assim, a cidade, que muitas vezes consiste num contexto aparentemente caótico e desordenado, possui lógica e ordenamento para os seus moradores. “Não se pode esquecer aqui que toda obra humana remete a uma produção simbólica, sendo os territórios de sociabilidade de uma cidade nichos de sentidos produzidos por uma comunidade” (ECKERT e ROCHA, 2001: 4). O conceito de regiões morais (PARK: 1973) torna-se interessante quando queremos analisar as formas através das quais os habitantes da

³ Trecho do livro *Quando a Rua Vira Casa*, resultado do projeto coordenado por Carlos Nelson dos Santos e Arno Vogel, publicado no ano de 1981

cidade relacionam-se entre si; é fundamental quando nos referimos à distribuição dos diferentes espaços de sociabilidade no contexto de uma metrópole.

A cidade e suas formas de sociabilidade: o Fórum Social Mundial como evento transformador das lógicas cotidianas de organização espacial da cidade

No ano de 2001 desenvolvi um trabalho etnográfico a respeito da incidência da construção de uma enorme avenida no bairro Jardim botânico, enfocando o impacto causado pela obra nos habitantes e nos espaços de sociabilidade do bairro, bem como nos laços de pertencimento que os moradores carregam sobre ele. No que diz respeito à reflexão acerca das formas de sociabilidade presentes no espaço do bairro, formulei uma distinção entre espaços de sociabilidade “quente” - lugares onde se constroem laços de cooperação e solidariedade entre as pessoas – e espaços de sociabilidade “fria” - caracterizados pela “inconsistência” dos vínculos coletivos. Esta classificação, como vemos, baseia-se em tipos ideais: os espaços de sociabilidade quente seriam aqueles nos quais as pessoas se conhecem ou se dispõem a tanto, produzem vínculos afetivos, compartilham crenças e valores, espaços nos quais constroem-se sentidos e significados de pertencimento e de comunidade; em suma, são espaços que comportam redes de relações primárias, calorosas; os de sociabilidade fria seriam por princípio o lugar do próprio indivíduo centrado em si, das relações impessoais ao invés das redes de relações, dos corpos distantes em termos de trocas simbólicas, que ficam restritas aos aspectos exteriores. Enquanto na sociabilidade quente os corpos estão próximos, se conhecem e se tocam, na sociabilidade fria as características identitárias são lidas sobretudo na superfície dos corpos, nos adereços, na forma física, nos modos e nas maneiras de se portar. Estariam assim mais sujeitos a estigmatização, uma vez que a identidade do “outro” é imaginada, e não uma identidade “real”(GOFFMAN, 1963).

Não que a questão das aparências físicas e da superfície dos corpos esteja ausente nas sociabilidades quentes; às vezes, ao contrário, é a própria aparência corporal que se incumbe de constituir um sentimento de comunidade entre os membros de um grupo. Quero dizer, entretanto, que nas relações quentes os contatos não estão restritos à mera exterioridade, são mais profundos, duradouros e definitivos, uma vez que incluem o compartilhamento de certos sentidos, significados e representações. Utilizei como exemplos de espaços de sociabilidade quente uma feira, armazéns e botecos, praças e parques; como exemplo primordial, situei a sociabilidade fria enquanto fenômeno típico

das grandes vias de passagem como a artéria urbana recentemente construída. Acredito que o espaço de um *shopping center*, por exemplo, pode comportar os dois tipos ideais de sociabilidade: se por um lado, é local privilegiado para as construções de identidades supérfluas e superficiais, por outro também comporta diversos grupos que possuem laços afetivos profundos entre si.

Podemos pensar a cidade em termos das províncias de significado mais ou menos demarcadas que possui, através dos tipos de sociabilidade que comporta. Como exemplos temos parques, praças e jardins, espaços de sociabilidade lúdica e práticas esportivas; trechos de bairros repletos de bares, restaurantes e lanchonetes, locais boêmios ou noturnos por excelência; lugares caracterizados por shoppings, lojas e galerias ou ainda pelos tipos de serviço que oferecem; outros por casas de espetáculo, bingos e etc; há regiões caracterizadas pela presença do tráfico de drogas e da prostituição; também há bairros apenas tidos como residenciais; e, por fim, há espaços de passagem, que muitas vezes comportam o trânsito entre estas diversas regiões morais. Pretendo, através destes exemplos, dizer que existe uma certa ordenação – mesmo não sendo explícita - dos espaços da cidade quanto aos usos e às sociabilidades que comportam, ainda que sejam interpretados simbolicamente de diferentes maneiras pelas pessoas que o habitam. Ainda que valores afetivos sejam, numa abordagem fenomenológica, subjetivos e exclusivos, há sentidos compartilhados por uma coletividade como a dos habitantes de uma mesma cidade que ao menos conhecem um determinado espaço. Vale mencionar esta certa ordenação espacial está longe de ser estática, e não pode ser encarada como fato dado. Ao contrário, é extremamente dinâmica, uma vez que a ocupação dos espaços se modifica constantemente, que a trama urbana de uma metrópole está continuamente sendo reconstruída e re-significada. Outro fato importante a ser lembrado é o de Porto Alegre não possuir uma divisão territorial através de zonas demarcadas pelos tipos de população que as habitam - nos termos da oposição entre zona norte e zona sul carioca, onde a primeira seria a região predominam não favelas e a outra onde vivem as elites (GONTIJO, 2002). A cidade se apresenta como um todo heterogêneo e difuso, onde convivem diversos tipos de população em bairros adjacentes.

Também existem certas características genéricas que formam a imagem de uma cidade para quem a vê de “fora”. Porto Alegre, por exemplo, é tida como capital que se destaca, sobretudo, pela abundância das chamadas atividades culturais, tais quais shows, peças de teatro, cinemas, exposições artísticas. Não existe em Porto Alegre um ciclo

festivo conforme Fabiano Gontijo encontra no rio de Janeiro (idem). Porto Alegre não se constitui enquanto cidade turística, uma vez que não há grandes atrativos que suscitem esta prática. Gontijo detecta dois períodos principais no ciclo anual do Rio de Janeiro, um quente-vivo e um morto-frio. Se pensarmos no ciclo anual de Porto Alegre, o que detectamos primeiramente é que no verão a cidade torna-se extremamente quente e morta; há uma grande corrida da população em direção às praias - do litoral norte do estado, principalmente, mas também rumo ao sul, e às praias do litoral catarinense. Neste ciclo do verão quem pode abandona a cidade e procura lugares de clima mais ameno. É óbvio que este movimento é realizado principalmente pelas camadas médias e altas da população.

Nos últimos três anos, entretanto, no período do verão, um evento veio a modificar a tendência de uma cidade quente e morta: a realização das três primeiras edições do Fórum Social Mundial na cidade de Porto Alegre. Todas as edições ocorreram em janeiro – mês caracterizado pelo esvaziamento da cidade -, trazendo a ela centenas de milhares de pessoas de diversas partes do Brasil, da América Latina e do mundo. A confluência deste enorme contingente de turistas lotando hotéis, lojas, restaurantes, utilizando diversos serviços tais quais táxis, telefonia e etc. promoveu um aceleração da economia num período, no geral, extremamente fraco para os comerciantes. É importante dizer que, poucos dias antes do início do III Fórum Social Mundial, em janeiro de 2003, ocorreu o II Fórum Mundial de Educação, também em Porto Alegre. Este é um exemplo dos diversos eventos que tem no Fórum social Mundial (FSM) seu maior expoente; este período aparece como quebra na organização espacial cotidiana da cidade de Porto Alegre, trazendo a ela uma atração turística que normalmente não possui, produzindo efeitos novos no que diz respeito às suas formas e aos seus focos de sociabilidade; são eventos que suscitam transformações nas próprias lógicas de apropriação dos espaços da cidade.

São períodos em que ocorrem inúmeros eventos paralelos na cidade, tais quais reuniões, encontros, espetáculos, shows, festas, entre muitos outros exemplos. São eventos que envolvem quase a cidade como um todo, incluindo as camadas mais baixas da população – se não participando das atividades do FSM propriamente dita, participam das atividades lúdicas, ou mesmo encontram neste período oportunidade de ganhar dinheiro através de atividades informais como o comércio de bebidas em festas, por exemplo. Ocorrem mudanças nas linhas de ônibus, ouve-se sotaques estranhos ou mesmo línguas estrangeiras nas ruas, diversos barracões são instalados na orla do Lago

Guaíba, nas proximidades do parque Harmonia, *outdoors* saúdam a chegada dos visitantes, jornais e programas televisivos cobrem o evento continuamente. O Acampamento Internacional da Juventude, montado no Parque Harmonia para sediar uma enorme gama de participantes do Fórum, é evento extremamente mercante nesta inversão da lógica usual da cidade. Neste ano de 2003 o acampamento foi denominado através da curiosa alcunha de “a cidade das cidades”. Voltaremos a esta questão no decorrer do texto. Quero dizer com estes exemplos, em suma, que quase a totalidade da cidade toma contato com o evento, de uma maneira ou de outra, já que se percebe transformações significativas na ordenação cotidiana da cidade.

É importante dizer que o acontecimento não ocorre de maneira espontânea como o carnaval ou a festa de Nossa Sra. Dos Navegantes - a padroeira da cidade - em 02 de fevereiro; ou seja, não está ligado a uma tradição. Sua ocorrência depende profundamente da organização de forças políticas que o sustentam e o promovem, tais quais o governo, os movimentos sociais, as organizações não-governamentais. Na realidade o evento é profundamente marcado por uma conotação política de luta pela construção de uma outra realidade, como transparece o próprio *slogan* do Fórum: “um outro mundo é possível”. Como salienta um jornal promovido pelo comitê organizador do Fórum e distribuído aos participantes, “*Desde 2001, Porto Alegre tem sido um centro de convergências de alternativas a um mundo de profundas desigualdades sociais. Idéias como bens públicos globais, consumo crítico, copyleft (ao invés de copyright), democracia participativa, paz qualificada e economia solidária são algumas das ‘outras palavras’ que circulam por aqui a cada edição do Fórum social Mundial.*” (Especial Acampamento intercontinental da Juventude – III Fórum Social Mundial: Porto alegre, 2003). Devemos mencionar o fato de que as primeiras edições do Fórum Social Mundial aconteceram em Porto Alegre, cidade de “terceiro mundo”, em paralelo ao Fórum Econômico Mundial, realizado em Davos, na Suíça, que conta com a participação das maiores autoridades econômicas mundiais. Se o Fórum dos países desenvolvidos é econômico, o fórum dos países atrasados é social. Esta caracterização política do FSM vem apenas a título de contextualização, na medida em que não estamos interessados nas suas conotações políticas, mas sim em sua natureza enquanto evento que altera sensivelmente a organização espacial das relações sociais na cidade de Porto Alegre.

No ano de 2003, os acontecimentos oficiais do Fórum Social Mundial – que contaram com palestras, testemunhos, oficinas, mesas redondas, debates e etc.-

ocorreram de forma mais dispersa em relação aos outros dois anos, nos quais os eventos estavam concentrados sobretudo no *campus* da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Este ano os eventos foram sediados também em barracões montados junto à orla do Guaíba, no Ginásio de Esportes do complexo esportivo Gigante da Beira-Rio, do time de futebol Internacional Sport Club, e no Auditório Araújo Viana, entre outros locais. Além destes acontecimentos oficiais, um sem número de atividades extras ocorreu em diversas localidades da cidade. O Acampamento da Juventude também sediou uma série de eventos. Tratemos, então, mais especificamente deste acampamento, principal tema de pesquisa etnográfica deste trabalho.

Na primeira edição do FSM, o acampamento conhecido por acampamento intercontinental da juventude, serviu de “morada” para comunidades indígenas e movimentos sociais como o Movimento dos Sem-Terra, além de um número razoável de jovens. Creio que o local tenha sido escolhido pois é sede para um outro evento característico da cidade de Porto Alegre: o Acampamento Farroupilha, no qual um grande número de pessoas se transfere para o parque num evento dedicado à celebração da identidade tradicional gaúcha. Certos problemas quanto à natureza do acampamento durante a primeira edição do FSM – se espaço para dormitório ou espaço lúdico, de festas e barulho – fizeram com que, no ano seguinte, o acampamento fosse dirigido especialmente para os jovens participantes do evento, com vistas a crescer em termos de sua dimensão. Em sua primeira edição, o acampamento abrigou cerca de 5.000 pessoas; na segunda, por volta de 15.000, e neste ano de 2003, quase 30.000 pessoas. Neste processo de crescimento visível, o Acampamento intercontinental da juventude passou a ser, cada vez mais, um espaço de pluralidade, de diversidade cultural, abrigando uma imensa multiplicidade de tipos sociais advindos das mais diversas regiões do mundo. Deve-se salientar, apenas enquanto ressalva, que este ano, a permissão para acampar na cidade das cidades se dava mediante o pagamento de uma taxa de U\$3,00. Uma das queixas mais ouvidas quanto ao Acampamento e ao Fórum como um todo foi o da “dolarização” da economia. A organização da cidade das cidades contou com coisas interessantes tais quais divisão entre áreas residenciais e áreas de atividades, tendas de comidas produzidas através de agricultura sustentável, moedas próprias – o Sol, equivalente ao real, para facilitar a conversão de moedas estrangeiras, e a Lua, moeda social para facilitar trocas de bens –, serviços coletivos como segurança, intérpretes e tradutores e etc., comissões de auto-gestão e etc..

O acampamento internacional da juventude ocorreu, em todos estes anos, em um parque situado à beira do Lago Guaíba, normalmente habitado por moradores de rua, e visitado por alguns grupos em busca de atividades lúdicas tais quais a prática de esportes e jogos como a bocha. Nos fins de semana, o parque serve de local onde diversas famílias e grupos de amigos reúnem-se para fazer churrascos ou apenas praticas de lazer. Os “habitantes do parque”, conforme se intitulou um dos moradores de rua com quem conversei, procurando conhecer seu olhar sobre o parque e o fórum, buscam abrigo nos barracões construídos em seu interior. Frequentemente são expulsos pela administração do parque para além de seus limites durante os fins de semana, período em que são mal vistos pelas pessoas que procuram aquele espaço para o lazer. Estão constantemente neste jogo de idas e vindas; quando podem se abrigam no parque, quando expulsos, buscam a orla do lago para abrigar-se. Este é um breve esboço da organização cotidiana do espaço do parque Harmonia. Durante o Fórum Social Mundial e os eventos que ocorrem ao seu redor, o parque comporta milhares de pessoas que vêm a habitar a cidade temporária. Percebe-se que há uma transformação completa na lógica das sociabilidades vivenciadas neste espaço. O parque, que já era um local de sociabilidade quente, por ser um espaço de lazer e atividades lúdicas para grupos e redes de pessoas, torna-se um centro de relações para uma comunidade temporária. O fato de a cidade das cidades possuir uma existência limitada talvez consista num modo de atrair ainda mais a atenção de pessoas não só moradoras de Porto Alegre, mas gente do mundo todo. A sua efemeridade pode ser o aspecto que determine o tipo de relações que se estabelecem em seu interior, no geral extremamente quentes, por conter uma multidão de pessoas pertencentes a inúmeras redes, inclusive redes que se formaram durante a existência do acampamento.

Durante a existência da cidade das cidades, o próprio estatuto do parque, enquanto região moral (PARK: 1973) em relação à cidade como um todo, altera-se profundamente. E, na verdade, o acampamento da juventude não consiste apenas em abrigo e dormitório para pessoas que vem de fora da cidade de Porto Alegre para participar do FSM; ele é, em si mesmo, um evento agregador de milhares de pessoas que o buscam justamente pelo foco de sociabilidade quente em que o parque se transforma. Inúmeros moradores de Porto Alegre abandonaram suas casas e foram montar suas barracas no acampamento, certamente em busca da sociabilidade lúdica que “contamina” o parque, contando com um aglomerado de gente calorosa, aberta e

disposta a trocar experiências. A diversidade cultural que o acampamento abriga é, certamente, um atrativo.

Uma prova da existência desta diversidade cultural e de uma certa tolerância com o diferente dentro do acampamento foi o fato de os anteriormente mencionados moradores de rua, que se auto-intitularam “habitantes do parque”, não foram expulsos de seu espaço quando da montagem da cidade das cidades, como ocorre nos fins de semana e durante o Acampamento Farroupilha, por exemplo. Ao contrário, foi construída uma barraca onde eles ficaram alojados; estes moradores de rua afirmaram que o acampamento foi muito bom para eles, pois puderam permanecer no parque, ganhar um bom dinheiro trabalhado na coleta de materiais recicláveis e na venda de alimentos e, além disso, fizeram muitas amizades e conheceram bastante gente. Creio que o acampamento tenha sido local onde se diminuíram as distâncias e os conflitos entre determinados tipos sociais, que normalmente não conviveriam harmonicamente. Houve problemas, brigas, roubos, relatos de estupros e etc. O acampamento certamente não foi reino da paz e da tranquilidade absoluta. Porém, a grande maioria de seus participantes parecia estar imbuída de uma espécie de sentimento comunitário que como que transpirava o desejo de contatos próximos e calorosos. Creio que existiu sim um sentimento de comunidade, ainda que uma comunidade temporária e efêmera; acredito que houve, se não um espírito do Fórum, um espírito holista e comunitário no Acampamento intercontinental da Juventude. Um acontecimento no qual milhares de pessoas as mais diferentes compartilhavam um certo sentido de pertencimento e unidade.

Assim como uma metrópole, a cidade das cidades, ou o acampamento intercontinental, consistiu num espaço extremamente heterogêneo e diversificado, onde estavam presentes os mais variados tipos de pessoas, das mais diversas identidades, muitas vezes expressas na superfície dos corpos, nos seus usos, nas suas aparências. Punks, hippies, *clubbers*, mendigos, xamãs, muçulmanos, hindus, gays, por vezes faziam questão de demonstrar suas identidades através das imagens identitárias que construíam (GONTIJO: 2002). Cabe aqui uma rápida reflexão sobre os processos identitários em nossa atual sociedade, a fim de compreendermos mais acerca da diversidade estética dos habitantes do acampamento. Se, num passado recente, a identidade dos indivíduos se encontrava atrelada a uma tradição ou passado comum, possuindo assim uma fixidez e uma estabilidade muito grande (CALLIGARIS, 1993), a modernidade, de certa forma, rompe com isso, liberando o homem deste passado através

de processos a que José Maurício Domingues (1999) denomina de *desencaixe*, o que acaba fazendo com que as identidades tornem-se dados em aberto. Não digo que todos os participantes da cidade das cidades estavam incluídos neste processo; certamente alguns deles possuíam identidades extremamente associadas a uma tradição. Creio, entretanto, que estes eram minoria.

No mesmo sentido de Domingues, Fabiano Gontijo (2002) propõe que se antigamente as identidades eram mais fixas e estáveis, determinadas por um certo *habitus*, hoje em dia as referências se multiplicaram, diversificaram e fragmentaram, propiciando processos identitários mais dinâmicos. Num contexto que ele chama de supermodernidade, caracterizado pelo excesso de tempo, de espaço e de individualismo, devemos falar em imagens identitárias ao invés de identidades. As aparências culturais mutantes, objetivadas por símbolos e elementos diversificados, são a expressão de imagens identitárias cambiantes de acordo com as situações de interação, que criam comunidades de interesses e grupos. O corpo aparece, portanto, como veículo de expressão de identidades sociais; aparece, retomando o paradigma do *embodiment*, enquanto totalidade na qual as culturas encontram-se cristalizadas.

Se “a cidade seria o lugar das identificações múltiplas, de redes diversificadas, de anonimato e de ausência de interconhecimentos” (GONTIJO, 2002: 44), também a cidade das cidades aparece como o lugar das identificações múltiplas, ainda mais marcadamente do que uma metrópole, possuindo muitas redes diversificadas e inter-relacionadas, com a ressalva de que, diferentemente de uma cidade, acredito que havia um certo espírito de comunidade ligando os seus habitantes. Apesar das enormes diferenças entre os seus habitantes, o acampamento parecia despertar neles uma certa unidade, uma certa disposição comum para as relações mais próximas. A territorialização e a tribalização dos espaços urbanos, para Gontijo, aparece como fenômeno típico das grandes cidades. Também o acampamento possuía algumas regiões morais internas, mais ou menos explícitas, tais quais as áreas de alimentação, as áreas de shows, o reduto dos punks, a ala dos homossexuais, a região dos aficionados por hip-hop, em torno da Rádio Favela, entre outras. Entretanto, apesar de uma certa segmentação, parecia haver um espírito de união que ultrapassava o sentimento de pertencimento a um certo estado ou país, ao menos naquele momento. O tom que parecia estar sendo construído era o da tolerância e da abertura para o diferente, sem que se extinguissem, entretanto, os sentimentos de identidades particulares e a personificação de diversas realidades culturais específicas dos participantes.

Um acontecimento que se sucedeu durante o acampamento da juventude torna-se extremamente interessante para refletirmos acerca de questões como a tolerância a respeito da diversidade cultural e das diferentes formas através das quais as pessoas pensam o corpo e agem a partir dele. Serve para relativizarmos estas noções de tolerância e de abertura ao diferente. Uma mulher, que disseram ser indiana, tomava banho, nua, num chuveiro a céu aberto, quando foi violentamente reprimida por policiais militares, justamente por estar despida em espaço público. Ora, um espaço marcado pela tolerância e aceitação às diferenças culturais - ao menos no nível retórico das entidades que o organizaram - não deveria conter manifestações repressivas do modo violento pelo qual este fato se deu. Para Mary Douglas (1970), o corpo, enquanto meio de expressão, é construído e controlado pelas exigências do sistema social. E uma mulher que não conhecia o controle exercido pelo nosso sistema social sobre o corpo, cometeu a falta de se despir em público, sendo reprimida por isso. Mais tarde, neste mesmo dia, cerca de trinta pessoas organizaram uma marcha em protesto contra a ação violenta desferida pela polícia sobre a mulher nua; detalhe: todos pelados. É interessante mencionar que a “marcha dos pelados” contou, quase totalmente, com homens completamente despidos, e somente duas ou três mulheres parcialmente nuas. Um comportamento espontâneo marcado profundamente por questões de gênero. De acordo com Loyola (1992), uma perspectiva construtivista relacional nos permite pensar em um sistema de classificação entre gêneros a partir da observação de fatos. E este fato torna-se extremamente interessante. A marcha desenvolveu-se por dentro do acampamento, mas também fora do espaço do parque, passando até mesmo pelo anfiteatro a céu aberto onde ocorriam shows de músicos respeitados - houve shows todas as noites do Fórum Social Mundial - ao som de repetidos gritos de protesto como “você aí parado, também nasceu pelado!”. Em meio à multidão que assistia aos shows, um clima de tensão se gerou em torno às garotas que puseram seus seios à mostra, fazendo com elas rapidamente se vestissem novamente. Muitos homens se concentraram ao redor delas, o que demonstra que existe uma diferença entre os gêneros quanto à possibilidade de exposição dos corpos num espaço público. Ainda que o *top-less* feminino seja muito mais comum que o nu masculino em público, as mulheres nunca “atacariam” um homem nu, como ocorreu com as mulheres que se despiram. Cabe dizer que alguns dos manifestantes também foram reprimidos violentamente pela polícia. Se um corpo nu exposto, num uso talvez habitual, provocou uma repressão violenta, num primeiro

momento, diversos corpos nus em marcha, numa resposta à violência e à censura, tornaram-se veículos expressão e de protesto.

Recapitulando idéias fundamentais

Retomando, em linhas gerais, o que foi afirmado no decorrer deste artigo temos, em primeiro lugar, o corpo enquanto nossa abertura primeira para o mundo. Também afirmamos que o mundo nunca nos é exterior. Argumentamos que existem várias culturas e diversos *habitus* culturais delas decorrentes em nosso meio urbano. Também afirmamos que existem inúmeras maneiras de se conhecer uma mesma cidade, e que isso depende da natureza das experiências nela vividas. A cidade, apesar disso, apresenta uma certa ordenação espacial, mais ou menos estável, em termos de regiões morais ou províncias de significados. Vimos que, no geral, no verão a cidade de Porto Alegre encontra-se num estado quente-morto, e que o Fórum Social Mundial e o Acampamento Intercontinental da juventude aparecem como quebra nesse *continuum*, inaugurando um turismo anteriormente inexistente na cidade, ao menos nessa época do ano. Vimos também que estes eventos vêm a alterar significativamente a maneira usual de organização espacial das sociabilidades da cidade como um todo.

Através das três edições do Fórum Social Mundial, Porto Alegre passa a carregar cada vez mais uma imagem de cidade plural e democrática, espaço primordial de construção de um novo mundo e de uma nova sociedade. Porto Alegre parece estar se consolidando enquanto cidade caracterizada pelo turismo de eventos. Também argumentamos que a cidade é sempre conhecida através de determinados ângulos, pontos-de-vista e recortes, e que através das experiências vividas o espaço se inscreve no corpo e na memória de quem as viveu. É assim que, ainda que Porto Alegre não seja a capital da democracia ou uma cidade caracterizada por uma predominância de sociabilidades “quentes”, ao menos aos olhos das centenas de milhares de pessoas que as conheceram durante o FSM, constitui-se ou ao menos constituiu-se, naquele momento, enquanto cidade marcada por um pluralismo cultural e pelas sociabilidades quentes. Aqueles que habitaram a cidade das cidades certamente levam consigo imagens de diversidade cultural, de indignação por conta de roubos de barracas inteiras, ou de um sentimento comunitário holista. Sabemos, entretanto, que muitas pessoas conheceram Porto Alegre num momento de modificação de sua lógica cotidiana.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do Espaço*; São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CUCHE, Denis: *A noção de cultura nas ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- CALLIGARIS, Contardo. *Sociedade e Indivíduo*. In: FLEIG, Mário (org.). *Psicanálise e Sintoma Social*; Editora UNISINOS, 1993.
- DOUGLAS, M. “Los dos Cuerpos”. In: *Simbolos Naturales: exploraciones en cosmología*. Madrid: Alianza Nacional, 1970.
- OUGLAS, M_. “Limites Externos”. In: *Pureza e perigo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1966.
- DUARTE, Luís Fernando Dias. “A construção da Pessoa Moderna”. In *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ CNPq, 1986.
- DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*; São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- ECKERT, Cornélia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade*. Caderno ILUMINURAS, No. 8, 2001
- ECKERT, Cornélia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Imagens do Tempo nos Meandros da Memória: Por Uma Etnografia da Duração*. In KOURI, Mauro G. P. (org.). *Imagem e Memória: Estudos em Antropologia Visual*; Rio de Janeiro: Geramond, 2000.
- GOFFMAN, Erwing. *Estigma*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1963.
- GONTIJO, Fabiano. “Carioquice ou carioquidade? Ensaio etnográfico das imagens identitárias cariocas”. In: Mirian Goldenberg (org.). *Nu e Vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- Guia do acampado na Cidade das cidades. 3º Acampamento Intercontinental da Juventude do FSM. 18 a 29 de janeiro, 2003.
- LINCH, Kevin. *La Imagen de la Ciudad*; Buenos Aires: Ediciones Infinito, 1974.
- LEMINSKI, Paulo. *La vie en Close*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- MACIEL, Sônia Maria. “O corpo: da gênese do empírico ao movimento transcendental”. In: *Corpo Invisível*. São Paulo: EDIPUC, 1977.
- MAUSS, Marcel. “As técnicas corporais”. In: *Sociologia e Antropologia*. Vol. 2; São Paulo: EDUSP, 1974.
- MELLO, João Baptista Ferreira. *Dos Espaços da Escuridão aos Espaços de Extrema Luminosidade – O Universo da Estrela Marlene como Palco para a Construção de Conceitos Geográficos*; Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- O mundo das Alternativas: Especial Acampamento Intercontinental da Juventude – III FSM: Porto Alegre, 2003.
- PARK, Robert Ezra; *A Cidade: Sugestões para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano*; In VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*; Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- POLO, Alejandro Zaera. *Order Out of Chaos: The Material Organization of Advanced Capitalism*; In *Architectural Design*, vol. 64 nº 3/4, março-abril, 1994, págs. 24/29.
- RABELO, M; ALVES, P. C. *Corpo, experiência e cultura* (versão preliminar) Trabalho apresentado no grupo de trabalho “Natureza e Cultura: uma fronteira em discussão”, XXV Encontro Anual da ANPOCS (outubro/2001) – não publicado
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos e VOGEL, Arno (coord.). *Quando A Rua Vira Casa: A Apropriação dos Espaços em um Centro de Bairro*; Convênio IBAM/FINEP. 2ª ed. revisada e atualizada. Rio de Janeiro, 1981.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*; Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 1999.